

Ana Davis estréia na Rádio Continental com a disposição de luta que sempre marcou sua trajetória e a faz espelho do brasileiro

Ilan Wettreich

EM tempos bichudos de crise pré-apocalíptica, é de encher os olhos, ou melhor, os ouvidos. Que seja bem-vindo o alto astral, a positividade e, sobretudo, o bom humor: estréia hoje, às 12 horas, na Rádio Continental AM (1520 KHz), o Programa Ana Davis – uma verdadeira revista radiofônica diária com duas horas de duração, recheada de informação, utilidade pública, entrevistas, bate-papos, música, humor e, como não poderia deixar

de ser, polêmica. Para se ter uma idéia do quanto pode render a jornalista Ana Davis no comando do programa, basta lembrar que foi ela uma das precursoras da moda do cabelo black power, na provinciana Belo Horizonte do início dos anos 70, brilhou na telinha da TV Globo durante cinco anos como apresentadora e repórter especial, e ficou nacionalmente conhecida pela reportagem que fez no final dos anos 70, sobre a seita Hare Krishna, denunciando irregularidades.



Além do programa, Ana cuida da sua editora Axé Brasil, dedicada à cultura negra

Que se cuidem as Cidinhas e Haroldos da vida. "Respeito todos os comunicadores, ouço-os, e até tenho uma admiração grande pelo Haroldo de Andrade. Mas não pretendo copiá-los. Tenho minhas próprias idéias e vou colocá-las em prática", anuncia. Se prepare, Ibope... Todos na Rádio apostam "às cegas" em Ana, garantindo que a Continental deixará a não tão cômoda situação de beliscar um 5º lugar de audiência de vez em quando. "Me deram toda a liberdade e apoio, com responsabilidade. Meu objetivo é a vitória e vou agarrar esta oportunidade como se fosse a última. Preparamos um trabalho muito bonito, um programa voltado para a prestação de serviços, informação, bom jornalismo, dentro da ótica do bom senso e otimismo. O Brasil está numa tremenda recessão, o Rio em pós-tragédia e a gente precisa ver o que pode fazer para ajudar. Para isso que fizemos o programa", explica.

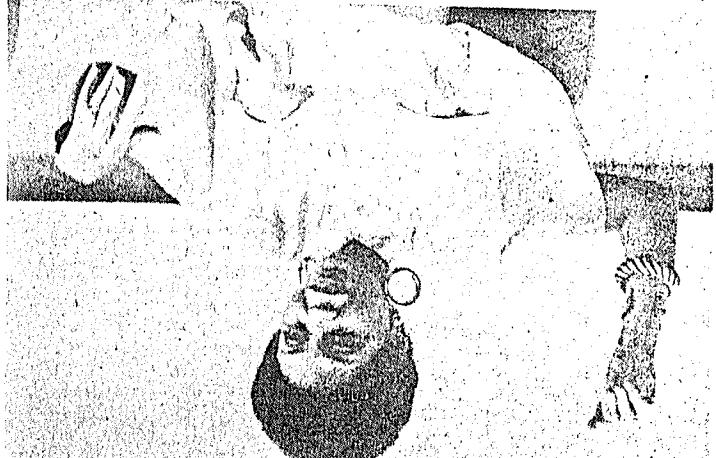
De todas as expectativas, incertezas e ansiedades sobre a estréia, quem conhece Ana tem, ao menos, uma certeza absoluta: no mínimo, por baixo, o público vai se identificar com ela. Primeiro, porque Ana Davis é do tipo "não falo, faço". Depois, porque é dada, supercomunicativa, empática e sempre bem-humorada. Mas, principalmente, porque Ana Davis tem uma trajetória pessoal de impor respeito à qualquer um: para chegar à jornalista famosa e requisitada de hoje, sofreu os mais variados tipos de privações, da miséria à rejeição dos pais, passando pela necessidade de trabalhar desde pequena (começou a fazer biscoates com miúdos cinco anos) e o preconceito racial. Quem não admira aquele que vence na vida com esforços próprios, contra tudo e todos?

Ela não sabe bem se nasceu "para ser gaúcha na vida". Mas tem uma certeza, que sempre carregou consigo, desde pequenina, quando, aos cinco anos, convencia as madames que, apesar do físico franzino, aguentava carregar as compras da feira e assim receber uns trocos: "Vim para ganhar. Sempre quis vencer". O nascimento de Ana já foi complicado. Sua mãe, negra e empregada doméstica, teve um romance com um estudante de medicina, filho da vizinha, que acabou em gravidez. O rapaz sugeriu um aborto, deu o dinheiro, mas a mãe de Ana preferiu voltar

da favela do Urubu, hóquei riscada
do mapea da cidade.
Ana Davais era fanatérica por
jelita e se revolviu uma excruciente
luta na área humana.
Ganhou concursos de contos, fez
cursos de Teatro na Universidade
Federal da Minas Gerais.
Vanguarda das cidades, "Timha
certeza de que não podeira resistir
trabahar para me sustentar
ajudar a família. E os usos para
se passar a uma universidade eram
muito altos. Fiz o curso de
extensão de Teatro, com status de
cívico existencialismo", discutindo
intelectual da Ana esta nos portes
nos bairros belotornios de nás
mestras de samba. Teatro de vermissages que jamais deixava de

Jogava ou não. Uma amiga deia meia tribo de suas mãos, levou-me a minha avó e ali fui criada". Anna teve de reabrir desde pequena, "era a mais velha das seis filhos da doméstica que se teria. Iniciou-se num grupo escolar próprio, mas conseguiu o apoio de uma senhora, Pedro II, onde fez o matrícula. A levou para o treinamento, mas família já havia se mudado para Belo Horizonte moravam no topo

Raul Soares, da Zona da Mata, é o herói que permitiu este romance... Antes desse episódio, a sociedade já amava descrever a cada um a "herói da mae-super-herói-losa", a doméstica que era querida por Ana Carvalho. Nascido o herói, em 1961, pensou-se desesperado com a crise da casa, que se desenrolou da crise da melhora. "Minha família chegou ao ponto de parar em uma ponte de ficar pensando se me



Ana Davis quer fazer duas horas de infomação humorística clara, e bumerangá-la

